

A HISTÓRIA DE IBORU IBOYA IBOSHESHE



IBORU, IBOYA, IBOSHESHE

**“Onde OLÓFIN prendeu todos os
BABALAWÓS”**

**OLÓFIN sentenciou aos BABALAWÓS à
serem presos e decapitados.**

**Somente ficou faltando ORUNMILÁ
“OGUNDA MEJI”, porque estava fazendo
algumas oferendas e sacrifícios.**

**Os animais sacrificados foram cozidos e
colocados numa bolsa com outros ashés.**



Partiu em direção à casa de OLÓFIN e no meio do caminho sentou-se embaixo de uma árvore e viu uma mulher na beira de um rio, que falou:

“Cuidado veio parindo uma bananeira (falou em parábolas)”.

A mulher lhe disse que havia muitas ciladas pelo caminho.

ORUNMILÁ “Ogunda Meyi” lhe deu uma galinha e lhe perguntou o seu nome, esta responde: “IBORU”

IBOYA

Seguindo o seu caminho ORUNMILÁ “Ogunda Meyi” encontrou-se com outra mulher cortando lenha que ao vê-lo falou:

“Que todos os BABALAWÓS ficaram presos, tenha cuidado!”

ORUNMILÁ tirou de sua bolsa uma galinha e deu a mulher de presente e perguntou seu nome, e ela respondeu: “IBOYA”

IBOSHESHE

Ogunda Meyi se despediu da segunda mulher e seguiu seu caminho, mais na frente encontrou a terceira e última mulher.

Esta lhe disse que OLÓFIN desejava casar sua filha, Ogunda Meyi lhe deu de presente uma galinha e perguntou o nome dela e esta respondeu: “IBOSHESHE”

Ogunda Meyi chegando à casa OLÓFIN, este lhe disse que o estava esperando para fazer um jogo (osode) com IFÁ, porque tinha em uma parente grávida e gostaria de saber qual a oferenda seria necessária para que a mulher parisse bem.

Ogunda Meyi que sabia da cilada lhe respondeu:

“Isso não será necessário, porque a bananeira não pode parir”. Descoberto o segredo de OLÓFIN, além disso, disse a e ele que mantinha presos todos os demais BABALAWÓS e deveria soltá-los rapidamente para poder salvar-se e que ele também desejava casar a sua filha.

OLÓFIN desconcertado e vendo que tudo era verdade libertou à todos os **BABALAWÓS**.

Ao sair Ogunda Meyi lhe disse que isto havia acontecido por desobediência e que havia sido salvo por fazer algumas oferendas e sacrifícios.

Agradecido **OLÓFIN** disse **ODUPKÉ Ó!**

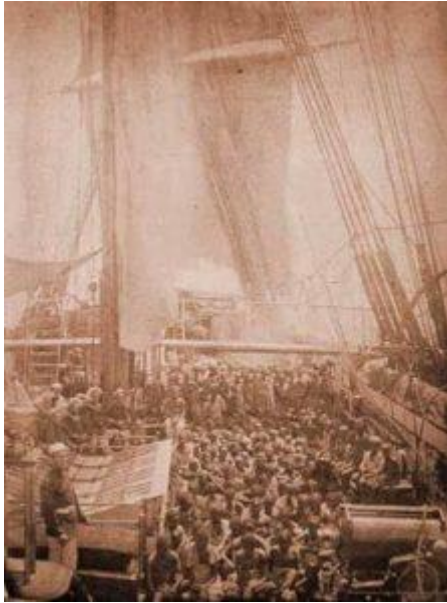
Porém Ogunda Meyi sabia da cilada, pois as três mulheres o avisaram.

ORUNMILÁ tomou as três mulheres como esposa e assim as salvou.

Disse a todos que deste dia em diante, quem se dirigisse a ele deveria dizer:

IBORU, IBOYA, IBOSHESHE em homenagem as mulheres que os salvaram, as três sortes de **ORUNMILÁ**.

A CHEGADA DOS YORUBÁS AO NOVO MUNDO



A colonização do Novo Mundo marcou de maneira significativa a história do homem, ocasionando grandes avanços e por sua vez a abordagem de diversos problemas, sendo a mão de obra um dos mais significativos, pois com ela chegava a importação de escravos africanos.

No ano de 1501 começaram as importações de escravos negros para o Novo Mundo, onde seus principais trabalhos se desenvolveram nos âmbitos da construção, nas minas, nos campos, além dos serviços domésticos. No geral, eram utilizados para todo tipo de trabalho que o colono branco considerava degradante para sua própria pessoa ou muito duro para realizar.

A exploração intensiva e o acelerado ritmo de vida que tinham esses escravos, faziam com que a média de vida de um escravo africano fosse somente de 7 (sete) anos, causando consecutivamente o crescimento da importação de negros. Entre os anos de 1821 a 1860 chegaram mais ou menos cerca de 50.000 (cinquenta mil) escravos a Ilha.

A quantidade excessiva de africanos deu condições de sua cultura tomar assento na Ilha de CUBA, onde impuseram padrões culturais que até hoje em dia seguem vigentes.

Foram numerosas etnias africanas que chegaram a CUBA, porém, nenhuma foi mais importante do que os YORUBÁS, composta por diferentes grupos sociais africanos que abarcaram toda a região da África Equatorial, onde viviam nas florestas úmidas e nas áreas costeiras pantanosas.

Os YORUBÁS não estavam centralizados politicamente nem socialmente, não obstante, estavam vinculados por uma mesma cultura, uma mesma língua e as crenças de origem em comum.

A chegada dos YORUBÁS a CUBA causou um forte impacto com sua religião, pois a imaginação, a vitalidade e o colorido deles chamou a atenção na Ilha.

Aqueles negros que foram tirados de suas terras, que foram levados a trabalhar sob o castigo de um chicote, expostos a sobreviver em um lugar desconhecido, trouxeram consigo seus deuses, que deram a eles o único caminho de esperança para sobreviver ante ditas condições.

A RELIGIÃO YORUBÁ

Os YORUBÁS viam a vida e a morte de maneira muito distinta a que se podia conhecer naquela época, inclusive na nossa. Seu panteão de deidades ou ORIXÁS, são a base para entender sua religião e cosmovisão. Os YORUBÁS acreditam em um só DEUS (OLODUMARÉ) e sua mitologia explica que existem diferentes manifestações ou “filhos” desta divindade e estas são denominadas como ORIXÁS.

Na ÁFRICA, cada região ou aldeia estava vinculada a um determinado ORIXÁ e a posição dessas deidades dependia da história

das aldeias nas quais apareciam como protetores.

O conceito “família” era de muito impacto para os YORUBÁS, pois estava intimamente ligado à sua religião, ao ser denominado como o conjunto de vivos e mortos que surgem de uma ancestral comum, e a estes ancestrais chegou a atribuir o controle sobre determinadas forças da natureza e inclusive a capacidade de exercer certas atividades ou conhecimentos curativos.

Os YORUBÁS pensavam que seus ancestrais podiam ter acesso e controle sobre o desconhecido devido ao “AXÉ” (poder no estado de energia pura) que adquiriam uma vez que deixavam o material.

Ifá Ni L’Órun

**ORUNMILÁ CONQUISTA O DIREITO
SOBRE O OGBÉ**



No início da existência dos ORIXÁS, OXAGRINAN era o encarregado das inspeções dos trabalhos dos ALAGUEDÉS, na fundição de ADA (ADAGAS).

Ele havia criado em conjunto com OGUN uma Sociedade Secreta chamada BALOGUN, que era uma Sociedade onde todos seus membros eram os únicos autorizados a usar as ADAGAS e ali eles faziam cerimônias secretas e muito fortes onde se colocavam à prova o valor e a resistência dos neófitos para poder ter direito a chamar-se OMO AGADA (filho da adaga forte).

OXAGRINAN tinha um filho chamado TALABI que era OMO AGADA e este teve uma disputa com IYALASHE que era AYABA AYÉ, reino dos espíritos obscuros e utilizando um ADA, matou um dos filhos de seus filhos e esta declarou uma guerra a ele

até a morte, e TALABI teve que refugiar-se na casa de ORUNMILÁ.

Nesses tempos ORUNMILÁ não era ainda OMO AGADA. ORUNMILÁ protegeu, cuidou e alimentou e o deixou invisível por meio de alguns sacrifícios e oferendas que fez.

Ao ver que TALABI tinha o ADA, ORUNMILÁ disse:

“Tu deves me dar o ADA em recordação de nossa amizade, então TALABI disse:

“Isso não pode ser, já que este é o símbolo de EGBE BALOGUN (Sociedade do poder da Adaga para a guerra). Para eu te dar, tu deves ir em busca de OGUN, OXAGRINAN e OBATALÁ, para que te deem os direitos de ser OMO AGADA”.

ORUNMILÁ consultou IFÁ e este lhe dizia que o fogo da guerra estava atrás dele. ORUNMILÁ então foi em busca de OGUN, OBATALÁ e OXAGRINAN para que fosse submetido aos rituais iniciáticos para ter o direito de ser OMO AGADA.

Eles assim que souberam do que tinha feito ORUNMILÁ por TALABI, prepararam tudo para a Cerimônia e lavaram AGADA para ORUNMILÁ.

O chefe de EGBE BALOGUN, que era OLÓFIN, chegou com toda sua força e foi invocando os ODÚS MEJIS de IFÁ, até o último que era ORAGUN.

Levantaram ORUNMILÁ, quem havia resistido com muita força e valor a prova suprema, demonstrando ser digno OMO AGADA.

Então o banharam com ervas sagradas de OSSAIN. OGUN pegou sua AGADA e desafiou ORUNMILÁ a lutar, este no início não queria, mas teve que aceitar e ao começarem a lutar, todos começaram a pronunciar cantos sagrados YORUBÁS.

ORUNMILÁ deixou cair sua AGADA em sinal de respeito a OGUN e a OBATALÁ, quem eram os verdadeiros donos da AGADA OXA e desde então, também foi ORUNMILÁ.

Daí em diante ORUNMILÁ se tornou OMO AGADA. Depois de tudo, todos se abraçaram e fizeram um banquete, onde comeu OGUN, ORUNMILÁ e OBATALÁ e assim ORUNMILÁ passou a ser integrante de EGBE BALOGUN e desde então ORUNMILÁ consagra a todos os seus filhos com a mesma cerimônia sagrada a qual foi iniciado e assim entrega sua AGADA.

A CONSIDERAÇÃO DE OGUN E SHANGÓ



Havia um pássaro muito feio que não tinha nada em particular, nem sequer nas penas e sendo tão feio estava cheio de ARAYÉS (inimigos) que queriam que ele OTOKU (morresse).

O pássaro ao ver isso foi à Casa de ORUNMILÁ para que este o consultasse

com IFÁ, o qual lhe aconselhou a fazer sacrifícios e oferendas.

Assim ele fez e quando o pássaro estava no campo, OGUN cuidava dele e ninguém podia fazer nada contra ele. Quando ele estava em sua casa na cidade, SHANGÓ fazia o mesmo.

Por conta disso, as pessoas que eram os ARAYÉS (inimigos) foram se acostumando a vê-lo nos lugares e a então considerá-lo.

Maferfun OGUN

Maferfun SHANGÓ

A CASA DE AJALA



PATAKI:

**Na terra de IBITI NI ELE, vivia
ORISHEKU o filho de OGUN,
ORILOMERE o filho de ORUN e
AFAWAKUE o filho de ORUNMILÁ.**

**Os três eram grandes amigos e decidiram ir
à casa de OLODUMARÉ para escolher suas
cabeças. Juntos baixaram à Terra e foram
ver ODUDUWÁ que era o sábio mais velho
da terra EBITI. Ele lhes disse: para
conseguir suas cabeças vocês têm de ir à casa
de AJALA, pois é ele quem constrói as
cabeças com o ASHÉ que lhe deu
OLODUMARÉ. Agora, vocês para baixar à
Terra têm que guardar uma proibição
quando estiverem no caminho da casa de
AJALA. No momento seguinte lhes
perguntou, se vocês ouvirem a voz de seus
pais que os chamam, o que farão?
Seguiremos reto para a casa de AJALA a fim
de conseguir nossas cabeças e então depois
veremos o que queriam nossos pais.
Ajoelharam-se e juraram diante
ODUDUWÁ que assim o fariam.**

**Prepararam-se para sair para a casa de
AJALA, o oleiro que construía as cabeças no
mundo, e saíram ao caminho.**

**Chegaram até a terra de AFABERE
UNYARE NIBITEBO UNYAN KUELU
OBINI e quando entraram cantaram:**

**EGUN AWÁ INLÉ O BABA EJÓ
QUINTOLÉ ONÁ FUN ODÉ AJALA INLÉ.**

Então o chefe daquelas terras que macerava inhame, lhe mostrou o caminho para chegar à casa de AJALA. Ele lhes pediu ajuda para pilar o inhame e AFAWAKUE, o filho de ORUNMILÁ, ficou três dias pilando inhame. Ao final, partiram. Os acompanhou um trecho AFABERE, GUYAN AWÁ, que era o chefe daquelas terras dos EGUNS. Ao final de um tempo, viraram à direita e se encontraram com um porteiro e lhe perguntaram pelas cabeças de AJALA. Este lhes mostrou o caminho (mas não o verdadeiro). Eles caminharam por um bom trecho e chegaram a um lugar que estava cheio de armas. ORISHEKU o filho de OGUN, reconheceu que estava numa terra de seu pai, como estes se moviam com seus arcos, flechas, espadas e cantava:

**OGUN TOMÚ OFÁ TOMÚ, ORUN NI
BARA, NI AUN KUALÉ, OGUN MOBÁ
SHISHE EGUN.**



Então ORISHEKU disse para AFAWAKUÉ que ele deveria ficar ali ajudando seu pai OGUN a preparar a guerra, mas eles lhe disseram que não deveriam desviar-se, segundo ODUDUWÁ, de seu caminho. ORISHEKU disse a eles: é verdade e fez oferendas a seu pai OGUN e continuaram o seu caminho. Chegaram à casa de ORUNMILÁ e ouviram que este golpeava o AJEPON com seu IROFÁ, pois estava fazendo EBÓ. Então AFAWAKUE lhes disse: Necessito ver meu pai. Os outros lhe responderam, nós não vamos ficar, seguimos viagem.

Quando ORUNMILÁ viu seu filho lhe disse: O que está fazendo? E este lhe respondeu: vamos para à terra EBITI a ver primeiro a

AJALA para encontrar nossas cabeças. Então ORUNMILÁ pegou o seu OPELÉ IFÁ e disse a seu filho: Se cabeças buscas, aproxime-se. E com suas ferramentas, OPELÉ IFÁ e IGBOS lhe tocou a cabeça dizendo: “AFIKAN AGO LERI OMOFÁ LORA ERI ODÉ”. Então lhe fez um OSODE (consulta), onde IFÁ dizia a ORUNMILÁ que um de seus filhos ia pelo caminho de algum lugar em busca de uma boa cabeça, mas teria que fazer sacrifícios com tudo que era alimento de AJALA: EPÓ, OBI, EFUN, IYÓ, ADIÉ, ETÚ, EYÁ, AKUKÓ e OPOLOPO OWÓ.

ORUNMILÁ fez os sacrifícios para seu OMO (filho) e lhe deu tudo o que levava nesses sacrifícios para que ele levasse consigo. Com isso ele se pôs no caminho da terra de AJALA. Entretanto, os filhos de ORUN e OGUN voltaram onde estava o primeiro porteiro e lhe perguntaram pela casa de AJALA e este lhes disse que era muito longe. Eles responderam que não importava e seguiram seu caminho.

Quando chegaram à casa de AJALA, este não estava e decidiram esperar por ele.

Quando viram que passavam os dias e este não voltava, saíram a perguntar para o povo sobre AJALA, pois o necessitavam para que lhe desse suas cabeças. Então no povo disseram que esta era a missão de AJALA, e que muitas cabeças estavam dispostas.

Então decidiram esperar por AJALA, mas por seus próprios meios encontrariam suas cabeças e entraram no templo de AJALA. Quando entrou ORISHEKU, este escolheu uma cabeça de recente construção, a qual AJALA não havia endurecido.

ORILOMERE entrou também e escolheu uma cabeça, sem saber que esta estava quebrada. Os dois colocaram suas brilhantes cabeças e felizes empreenderam o regresso para suas terras.



Quando chegaram começou a chover muito fortemente e a chuva começou a golpear

violentamente as cabeças de ORILOMERE e ORISHEKU, fazendo com que as cabeças deles amolecessem e rachassem, se deformando por todos os lados e ficassem amassadas e pequenas. Eles em virtude disso, começaram a passar dificuldades e decidiram ir ver a ORUNMILÁ, onde este lhes fez uma consulta com IFÁ e lhes disse: Vocês se precipitaram e escolheram as más cabeças, as que não estavam terminadas, além do que não obedeceram a ODUDUWÁ, que lhes indicou o que tinham de fazer. Além do que não sabiam que OGBE YONO é o IFÁ de AJALA e não podem sair embaixo de chuva, por isso ele não regressou à sua casa, até que parasse de chover e vocês não o esperaram, tomando a iniciativa e pegando as más cabeças e por isso se desbarataram com a chuva. Agora terão de usar o resto delas para construir uma nova e boa, para assim prosperar.

Então tiveram que fazer OBORI ELEDA para poder restaurar suas cabeças. Entretanto, AFAWAKUE, o filho de ORUNMILÁ, se pôs no caminho da casa de AJALA e se encontrou com ELEGUÁ, que era o porteiro e lhe perguntou pelo caminho

e **ELEGUÁ** lhe disse que teria que esperar que ele cozinhasse primeiro sua sopa **KALALU**. **AFAWAKUE** esperou pacientemente e o ajudou a acender o fogo e notou que **ELEGUÁ** colocava cinzas dentro de **KALALU**. Então **AFAWAKUE** lhe perguntou por que ele fazia isso e este lhe respondeu: para que se possa comer e tenha gosto. **AFAWAKUE** tomou todas as coisas que tinha lhe dado **ORUNMILÁ** de seu sacrifício e colocou na **KALALU** de **ELEGUÁ** e a cabeça de **OWUNKÓ** que estava comendo e quando **ELEGUÁ** provou disse: Que coisa mais saborosa é esta. Dá-me mais, e **AFAWAKUE** disse: Eu sempre te darei quando comer, agora leva-me a casa de **AJALA**. **ELEGUÁ** se pôs no caminho muito feliz e cantando:

**AWÓ ASHÉ BEBÉ ABERÉ LUBE AWÓ
ODARA AJALA MALONA.**

Quando chegaram à casa de **AJALA** sentiram um ruído muito grande e **ELEGUÁ** disse: É a casa de **AJALA**, então, se queres, podes servir a **AJALA** e ele lhe pagará quando você for embora.

O credor de AJALA desceu do teto e saudou a AFAWAKUE e este saudou a AJALA, onde ELEGUÁ disse que ele era filho de ORUNMILÁ e havia pago suas dívidas. Então AJALA disse:

Como posso pagar-te? AFAWAKUE respondeu: Eu vim de muito longe em busca da cabeça mais perfeita. AJALA lhe disse: Está bem, entre todas buscarei a mais perfeita, mas tenho que comer. ELEGUÁ lhe deu LERI de AKUKÓ e KALALU e ao provar disse: que tem isso que está tão saboroso? Este é o segredo do filho de ORUNMILÁ e então AFAWAKUE deu a AJALA e enquanto comia cantava:



**EPÓ MALERO EPÓ MALERO AJALA
EPÓ MALERO**

IYÓ MALERO, IYÓ MALERO, AJALA IYÓ MALERO

E AJALA se sentiu fortalecido e disse a AFAWAKUE, vamos a meu templo. Ali tinham 101 cabeças. AJALA pegou um pedaço de ferro e uma LERI e a rompeu em pedaços. Assim fez com várias, até que uma não se rompeu e viu que estava muito dura e perfeita. Então pegou e a fez beber ASHÉ MODUN ERI e a deu para o filho de ORUNMILÁ.

AFAWAKUE a fixou em cima dele e este saiu para sua terra. Aquela terra era de tocas e sempre chovia e ele saiu da toca cantando embaixo de chuva:

**“ERI NIKAN BIMBOBA MUINE LAYÓ
UMBO ODARA OBE YONO AWÓ ODÉ
AJALA”.**

Sua cabeça, apesar da água, se manteve intacta e começou a adivinhar e a ter muitos ganhos. Quando chegou a sua terra, já estava afortunado. Teve uma boa casa e muitas OBINIS (mulheres) e OMOS (filhos) e lhe

deram o nome de OGBE YONO ERI SAMI AWÓ OGBE YONO (o da cabeça batizada).

ORISHEKU E ORILOMERE, ao vê-lo disseram: Como é possível, se ele trouxe a cabeça da casa de AJALA como nós, a dele seja boa e a nossa má? AFAWAKUE lhes respondeu: que por sua obediência a IFÁ, que ainda que nossas cabeças tenham saído do mesmo lugar, nossos destinos são distintos.

E assim pode OGBE YONO ser grande.

A ESTEIRA



Há muito objetos na nossa religião que tem a categoria de Sagrado. Um deles que é indispensável em qualquer atividade religiosa é a esteira e dela podemos narrar a história.

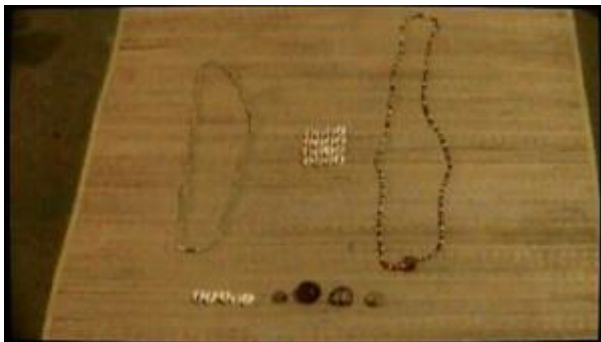
Quando ela quis vir à Terra, preocupada com algo que era totalmente desconhecido e sabendo que a condição humana é muitas vezes cruel, foi buscar um bom presságio na casa dos Awós celestiais. Estes lhe previram largar existência e reconhecimento humano, pois aquele que pisasse com sapatos a esteira teria seu castigo e aquele que caminhasse descalço, receberia pela planta dos seus pés, bênçãos espirituais. Mas para conseguir todo o reconhecimento deveria fazer ebó.

Recomendaram os Awós uma obra ou sacrifício que consistia em oferendas animais: um akukó (galo) para Eshú, akukó para Ogun, dois eyelé (pombas) para Obatalá Orishánlá e algumas pedras pesadas. A esteira realizou o seu ebó e baixou à Terra para fazer cumprir seu destino.

Os seres humanos caminharam sem conforto algum e dormiam sobre o piso ou terra. Mas ao chegar a esteira, esta lhes proporcionou comodidade e fez mais agradável seus descansos. Eshú alertou que a esteira era indispensável para gozar de comodidade e por isso surgiu e que a partir desse momento seria de suma necessidade ser utilizada em todo tipo de iniciação religiosa, porque desde

os reis, até mesmo os mais necessitados a usavam.

A esteira é parte do ritual de qualquer iniciação, seja de Orishá ou de Ifá, não só serve como acomodação, mas também é parte integral do arquétipo de todo trono (Igbodú de Orishá ou de Ifá).



Além disso, representa a comunicação dinâmica da energia do corpo humano com a terra, pois nela dormem e comem os iniciados.

Todos de Ifá e Orishá, reis e iniciados devem render culto e homenagem, pois com ela se faz as penitências e rogações de reconhecimento ou culto aos mesmos. Os signos ou Odús que falam da esteira são: Odi Ogunda, Obara Bogbe, Obara Trupon, Osa Lofobeyó, Iwori Koso, entre outros. Segue o Pataki de Obara Trupon:

Houve um tempo em que os Orishás disfrutavam do privilégio e reconhecimento geral, menos Oduduwá, quem presidia o conselho santoral. Os devotos de cada divindade rendiam homenagens a diferentes orishás, mas não o faziam a Oduduwá, o qual criou uma situação caótica no plano da existência.



Obara Dun dun não lhe rendia culto nem reconhecimento a Oduduwá, o qual era o chefe da reencarnação e da vida. Oduduwá visivelmente desgostoso se retirou de sua posição de Obá e começou um colapso em todas as coisas da Terra, originando uma hecatombe, a qual todos os orishás conheceram a causa e começaram a render-lhe homenagens. Assim se deu lugar ao culto de Oduduwá e seus adoradores.

Enquanto isso Obara Trupon notava que sua sorte diminuía e seus propósitos não se cumpriam, então fez Osode (consulta). Ifá manifestava que ele tinha faltado com respeito e desconhecimento de sua parte para com Oduduwá, essa era a causa de seus males e que se queria ter Iré gbogbo Iré (sorte) deveria fazer Ebó com Eure, Adie funfun meji, Eyele meji fun fun e uma esteira, a qual usaria para dormir por 16 dias consecutivos aos pés de Oduduwá, em prova de seu amor, devoção e respeito. Neste signo ou Odú se deve receber Oduduwá e fazer-lhe muitas cerimônias para que gbogbo Iré se materialize na vida da pessoa. To Iba Eshu. Ona Iré ó.

Ifá Ni L'Órun Otura Aira

A FILHA DE INLÉ E ÓBA



Neste Pataki o primeiro esposo de ÓBA foi INLÉ que era um homem muito belo. Desse amor nasceu a filha deles a que lhe puseram o nome de OSIÁ.

Depois de um certo tempo, cada vez que INLÉ chegava em sua casa queria fazer amor com ÓBA.

Esta lhe dizia que se sentia mal e que não queria fazer nada. Então INLÉ, já cansado desse acontecimento, foi à Casa de ORUNMILÁ para lhe pedir conselhos e este lhe disse:

Se está assim, deixe essa mulher, pois contigo ela não é feliz e quiçá encontre outro homem que a faça feliz.

INLÉ preocupado com sua filha, disse a ORUNMILÁ:

E o que faremos com nossa filha OSIÁ? Deixe-a com sua mãe, disse ORUNMILÁ.

Depois disso, ÓBA conheceu SHANGÓ e antes de se casar com ele, já vivia maritalmente.

Numa noite, OSIÁ se levantou porque não dormia bem e foi a chamar sua mãe e viu o homem que estava com sua mãe fazendo amor e esta ficou horrorizada e deu um grito de terror.

ÓBA se casou com SHANGÓ para quitar essa vergonha com sua filha, mas o mal já estava feito e a menina ficou abalada psicologicamente. Passou a ver fantasmas e chegaram os ARAJÉS da noite e a faziam ter pesadelos.



A menina cresceu e se casou com um homem muito bem sucedido que era muito feiticeiro.

Ela pensou que sua vida havia mudado, mas este homem começou a fazer amor com ela e o trauma, já esquecido, começou de novo a

renascer com mais força e os ARAJÉS a dominar sua mente ao ponto de deixá-la frígida.

Seu esposo com desejos de dominá-la, passava unguentos por seu ventre.

ABATA, a esposa de seu pai, que era muito curandeira, ao ver OSIÁ tão abatida lhe disse:

OSIÁ o que acontece contigo? Esta lhe contou tudo a ela.

ABATA envolta em seu vaporoso veú azul, saiu com a menina da lagoa e a levou à Casa de ORUNMILÁ para que este a consulta-se com IFÁ e este lhe disse que todos os seus males provinham de uma impressão da sua infância e que era necessário que ela se separasse de seu marido que era um vicioso e malvado feiticeiro e que deveria fazer alguns sacrifícios para apagar de sua mente o trauma que adquiriu quando viu o que sua mãe fazia no passado.

Além do que OZAIN EWEYELE, que andava com ORUNMILÁ, lhe preparou um unguento para afastar dela os ARAJÉS.

Então ela foi viver junto a seu pai INLÉ e a esposa dele ABATA, voltando a ser uma mulher completa, vencendo assim todos os seus males, graças a ORUNMILÁ.

**Maferefun ORUNMILÁ todos os dias,
Maferefun INLÉ/ABATA todos os dias**

A FILHA DE OBATALÁ



Nesse caminho OBATALÁ tinha uma filha de singular beleza a qual tinha inumeráveis homens apaixonados, tanto de sua tribo, quanto de tribos mais distantes, os quais nas oportunidades que tinham, vinham visitá-la. Chegava ao ponto em que se agrupavam vários ao mesmo tempo na casa de OBATALÁ, de tal maneira que em certas ocasiões aconteciam mal entendidos entre eles.

Seu pai, vendo que esta situação não podia continuar, se dedicou a encontrar uma

solução para o problema dos apaixonados de sua filha. Ocorreu-lhe que o a única coisa que poderia fazer era aparentar que sua filha havia falecido.

OBATALÁ pôs em prática sua ideia, explicou a sua filha o que havia pensado e para desta forma decidir, entre os pretendentes qual seria seu verdadeiro marido.

A filha de OBATALÁ, fiel a seu pai, aceitou sem vacilo algum o que havia decidido seu pai, porque estava sendo conduzida pela sabedoria de OBATALÁ. A partir desse momento se deu a tarefa de simular o falecimento de sua filha, com a ajuda de ELEGUÁ que se prestou a ajudá-lo com gosto.

A falsa morte da filha de OBATALÁ correu de boca em boca e quando as pessoas chegavam e viam a filha de OBATALÁ estirada, lhe davam os pêsames. Os distintos apaixonados faziam o mesmo e ao dar os pêsames a OBATALÁ, diziam que eles tinham trazido um presente a ela, mas em vista de que ela havia morrido, eles levariam os presentes de volta.

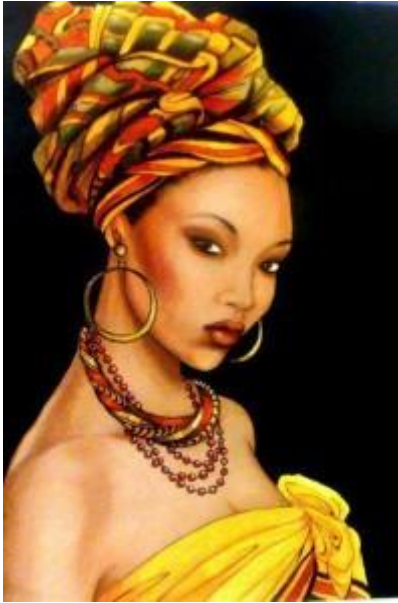
Somente um de seus apaixonados, o qual tinha flores nas mãos, ao ver o que aconteceu com sua amada, deu os pêsames a OBATALÁ, lamentou o ocorrido e disse a OBATALÁ: Eu trouxe flores à ela, mas em vista de sua filha ter falecido, ponha-as sobre o seu peito.

OBATALÁ ao ver o gesto daquele homem, pensou que era o marido que sua filha necessitava e lhe disse: Não não, minha filha não está morta, ela vive e tu serás o marido dela.

To Iban Eshu

OBATALÁ lhe explicou o motivo dessa simulação, sendo assim, como aquele homem, por sua modéstia e bons sentimentos se converteu então em marido da filha de OBATALÁ.

A FILHA DE OSHÚN



Havia um indivíduo que era AWÓ NI ORUNMILÁ e os sábios os aconselharam que ele iria ver um pleito, lio ou tragédia. Que não se metesse e que não poderia averiguar o que havia acontecido, já que isto poderia prejudicá-lo muito. Também disseram que não fosse avarento e que jamais levantasse a mão a uma mulher e muito menos a uma filha de OSHÚN.

Este AWÓ era desobediente, esquecido, caprichoso e só fazia o que ele tinha vontade e não dava importância do que lhe diziam.

Um dia teve um problema em sua casa e saiu.

Estando sentado perto de um jardim, tratando de organizar seus pensamentos

para ver que caminho ia seguir, se sentou ao seu lado uma jovem de boa aparência feminina e ambos começaram uma conversa agradável, onde ele contou a ela o momento pelo qual estava passando e a jovem o convidou a ir em sua casa.

O AWÓ então, se lembrou dos conselhos dos sábios e lembrou também que ante a uma situação assim como esta, teria que fazer alguns sacrifícios e oferendas e teria que fazer também na moça, mas não o fez.

Tudo ao princípio ia saído muito bem, mas aconteceu que um dia tiveram uma grande discussão e ele levantou a mão para a moça, golpeando-a de uma forma ruim e em seguida viu o mal que havia feito e saiu de casa e foi para a Casa de seu padrinho, quem o consultou com IFÁ e lhe disse que tudo isso era devido a sua desobediência e que a ele queriam tombar e que se não queria se perder, teria que agir rápido.



O padrinho lhe fez os sacrifícios necessários que antes havia indicado IFÁ e mandou buscar a jovem e também lhe fez a mesma coisa e lhe entregou IKOFÁ (a iniciação da mulher em IFÁ) e lhe disse que a partir daquele momento deveria se cuidar das ciladas e armadilhas da vida e que tão breve possa fizesse uma oferenda a OSHÚN.

O AWÓ assim fez como o indicado e novamente voltou a reinar a paz e a tranquilidade. A moça era filha de OSHÚN.

OSSAIN E IGBO WERE, A FORÇA DA NATUREZA



IGBO WERE era a mãe de **OSSAIN** e queria muito que seu filho fosse **OBÁ** (rei).

Ela então foi procurar **ORUNMILÁ** e este lhe fez uma consulta com **IFÁ** e disse a ela que para conseguir o que ela queria, teria de fazer algumas oferendas e sacrifícios. Porém essa nunca quis fazer nada e em pouco tempo **OTOKU** (faleceu).

OSSAIN, seu filho, chegou a ser **OBÁ** de **ENIGBÉ**. Quando **IGBO WERE** tinha falecido, seu filho **OSSAIN** era muito jovem. Passaram assim muitos anos até que um dia um homem foi a **ENIGBE** buscando raízes para se curar e fazer um **INSHÉ** (tipo de amuleto) e viu muito **EWÉ OKUMA** amarela e quando começou a escavar para pegar as raízes, encontrou os restos mortais de **IGBO WERE** e ouviu cantar:

“YA OFIOKO AJUN AMI LORI”

O homem ao ouvir **IGBO WERE** cantar, se assustou e saiu correndo e foi ver **OSSAIN**, que era o **OBÁ** deste lugar e contou tudo a ele. **OSSAIN** não acreditou e mandou que **OGUN** fosse ver se era verdade. Quando eles chegaram, **IGBO WERE** não disse nada e

OGUN matou o homem por achar que este mentia. Logo em seguida IGBO WERE começou a falar com OGUN e este foi correndo contar a OSSAIN.

OSSAIN oi buscar a OGBONI e foi com este onde tudo estava acontecendo e pelo caminho encontraram-se com ORUNMILÁ, que foi com eles e quando chegaram, IGBO WERE estava falando.

ORUNMILÁ então fez uma consulta com IFÁ e disse a OSSAIN:

“Esse AGBARI é o de tua mãe IGBO WERE, que OTOKU (faleceu) e não pode ver o que tu alcançaste na vida”.



Desta maneira IGBO WERE pode ver como seu filho havia alcançado tudo o que ela desejava para ele.

Maferfun OSSAIN

Maferfun ORUNMILÁ

NOTA: IGBO WERE é a mãe de OSSAIN, o espírito da NATUREZA que dá força a todos os EWÉ (ervas e folhas) e IGUI do mundo e suas virtudes.

A FORMAÇÃO DA TERRA



Em grupos de sete vieram ao Planeta as DEIDADES MAIORES, sete vibrações – as fundamentais – em cada grupo, com seus séquitos de ENTIDADES MENORES; tinham o propósito de criar a natureza mineral primitiva.

Veio então OLOKUN e formou as fendas profundas que deram lugar aos oceanos, e

ORISHAOKO levantou as terras do fundo dos mares.

XANGÔ criou a atmosfera e as nuvens com suas cargas elétricas.

OGUN elaborou os minerais e trabalhou as montanhas.

YEMANJÁ esboçou as costas, atuando em equilíbrio terra-mar.

OXUM deu lugar aos rios, aos mananciais e todas as águas doces.

OROINAN dominou os fogos centrais da esfera terrestre e manteve o controle dos vulcões.

Depois desceram outros grupos de ENTIDADES MAIORES e entre todos deram lugar as estações – segundo a posição planetária – assim como as rotações da Terra e da Lua, originando os dias e as noites.

Então tomaram diversos elementos das rochas, das águas e do ar com o objetivo de formar os reinos animados a partir da natureza morta: os vegetais, que eram

capazes de reproduzir-se por si mesmos, assim como os animais.

Durante muitos milênios modelaram todas as variantes possíveis. Executaram gradualmente sua tarefa: destruíram umas formas para construir outras mais complexas, e com isso deram lugar a enorme diversidade que atualmente forma esses reinos.

As DEIDADES fizeram com que as plantas se nutrissem da terra, dando-lhes caráter sedentário, e que os animais se deslocassem pelo ar, pela água ou pelo chão, para alimentar-se dos vegetais.

Os elementos ficaram constituídos como uma presença vital para esses reinos, e assim a água permitia a vida material, o ar contribuía para o equilíbrio planta-animal e era o veículo da respiração de OLÓFIN (DEUS), o fogo assumiu o trabalho de destruidor-revitalizador no processo de mudanças e OLORUN forneceria a energia vivificante.

Estas DEIDADES ficaram a cargo do que elas mesmas criaram: se distribuíram – de

acordo com suas características vibratórias – às múltiplas riquezas do planeta.

IROKO: A GRANDE CEIBA



IROKO, que da sua altura tudo observa e que em sus galhos poderosos alberga a pássaros de todos os tipos, como a aura tinhosa, sua mensageira, a coruja, que é justa e caridosa com seus filhos, observou que vinha na distância do espaço infinito Yemanjá, mãe universal, envolta no azul e pérolas cristalinas como o mar, quem não corria e sim voava, abraçando extremamente a duas crianças, dois gêmeos: Os Ibejis, filhos amadíssimos de Oshún e Shangó, que estavam sendo procurados por seu pai que iria adverti-los por suas travessuras infantis

e por haver escondido seu Oshe na hora de ele ir para a guerra contra seu irmão Ogun.

Ao ver sua filha fatigada e o redemoinho que a perseguia e de qual saíam raios e trovões, abriu seu tronco e a cobriu em seu seio.

Quando Shangó, ofegante, chegou em seu tronco, lhe suplicou que dissesse onde se encontravam seus filhos desobedientes para repreendê-los. Mas IROKO, que conhecia bem o mal humor de Shangó, se fez de dissimulado e cantou primeiro, muito alto, como um furacão, depois foi dulcificando o som até sussurrar uma bela canção, que falava dos triunfos bélicos do Orishá, dono dos raios e trovões. Este então dormiu e IROKO abriu seu ventre e Yemanjá e os Ibejis puderam escapar.

Quando Shangó se despertou, cegado pela ira, lançou fogos em direção a IROKO, mas estes foram de volta para ele até cegá-lo temporariamente. Shangó arrependido, não teve mais remédio a não ser pedir perdão a IROKO, pai e mãe dos galhos sagrados medicinais e de todo verde que vive na sábia terra desse planeta, por toda sua ira, e então se foi. To Eban Eshu.

A GUERRA ENTRE ABITA – O MAL E ORUNMILÁ



ABITA (o mal) há tempos queria medir forças com ORUNMILÁ, pois este cada vez que ABITA prejudicava alguém com seus atos, ORUNMILÁ o salvava.

Então ABITA preparou todos os seus adeptos, os ASHUMULEI (feiticeiros) para derrotar ORUNMILÁ. Preparou algo e chamou ORUNMILÁ para guerrear.

ORUNMILÁ se consultou com IFÁ e por orientação deste preparou alguns sacrifícios e oferendas e fez tudo antes da luta e chamando o seu ajudante OGUN, fez ASHINIMA e mandou OGUN ao monte

buscar EWÉ YILEBO, que era a única EWÉ que derrotava ABITA.

ORUNMILÁ disse a OGUN, deixa-me guerrear sozinho, minha última arma usarei se ABITA jogar sujo na luta. O dia da luta chegou e começaram a fazer proezas, mas ABITA tinha um IYEKA, um pó maléfico e num descuido de ORUNMILÁ o soprou na direção dele e este imediatamente caiu.

Todos os seguidores de ABITA cantaram e dançaram, pois ORUNMILÁ estava OKU. O levaram a sua casa e se reuniram para decidirem que:

Em primeiro lugar:

Fazer todo o possível para que ele não revivesse

Em segundo lugar:

Se ele voltasse em si, que não o deixassem levantar

Em terceiro lugar:

Se ele se levantasse, não o deixariam chegar a seu tabuleiro, para que não pudesse chamar os IRUNMOLÉ.

ABITA e todo os ASHUMULEI estavam de guarda e chamavam todo mundo para que vissem que ORUNMILÁ estava OKU.

ORUNMILÁ não estava morto, pois o ASHINIMA que havia feito havia evitado que ele morresse e IYEKA só o havia adormecido. Quando menos esperavam, ORUNMILÁ recobrou sua consciência e agarrando o galho de EWÉ YILEBO que tinha ao lado, começou a cantar:

**“EWÉ YILEBO IGI DERE INA BAKUARÉ
KORAWÓ KORAWÓ**

INA BAKURE OYÉ OYÉ NILÉ AWÓ”

(ORUNMILÁ é como EWÉ YILEBÓ, árvore dura que o fogo do mal ataca, mas ninguém pode com ele, o mal se vai da casa do AWÓ).

E conforme cantava, golpeava os ASHUMULEI, destruindo-os todos.

ABITA ao ver isso, não teve outro remédio a não ser reconhecer que com ORUNMILÁ não podia e que era APATAKI IMALÉ ALAKAIYÉ (o principal dentre os ORISHÁS).

Maferefun ORUNMILÁ todos os dias!

A IMPORTÂNCIA DE IFÁ EM NOSSAS VIDAS



Desde que OLODUMARÉ criou o AYÉ, ORUNMILÁ tem sido o testemunho de toda sua criação, e é por isso que ele leva o título de ELERÌ IPIN.

Sua condição de testemunho lhe dá a possibilidade de conhecer a essência de cada elemento da existência, tanto que em ORÚN como no próprio AYÉ, ORUNMILÁ não só testemunhou como também registrou a cada ser que vinha ao AYÉ, desde o momento que cada ser tomava consciência de sua existência e então iam visitar a AJALÁ MOPÍN para receber ORI e desta forma ingressar no mundo material.

Assim todos os seres e até mesmo os próprios ORISHÁS, antes de vir ao mundo, realizaram o DAFA com BABA ORUNMILÁ para logo realizar a viagem até

o AYÉ. Todo ORIXÁ antes de vir ao nosso mundo realizou sacrifícios, o que foi sentenciado por IFÁ, o que deixa bem claro que toda a existência em sua totalidade fez um registro com ORUNMILÁ.



É por isso que nos asseguramos que em toda a existência está contida no CORPUS DE IFÁ dentro dos 256 ODÚS que o compõem. IFÁ nos ensina que a base de nossa religião está no conhecimento, no estudo e na preparação. Todo aquele que realiza alguma cerimônia no Culto a ORIXÁ, deve ter o conhecimento do que realiza, do porquê da utilização de cada elemento utilizado, já que tudo isso é o que realmente faz com que se entenda o que está se fazendo e de como isto pode surgir efeito. Se entendemos que a sabedoria é importante para nossa fé, vamos entender que nossas cerimônias são de

verdade essências energéticas em que cada uma delas cumpre uma funcionalidade e que em conjunto tem a possibilidade de sanear nosso próprio destino, sempre colocando que a base é o AXÉ, poder que dinamiza e direciona todo o realizado (EXÚ).

IFÁ nos ensina que o mais importante que um ser humano deve fazer para melhorar sua vida é conhecer seu próprio destino.

Conhecendo seu destino, a pessoa tem a possibilidade de poder alinhar seu ORI, de encontrar as respostas para a paz e para a tranquilidade de sua vida e principalmente conhecer sua verdadeira vocação, ou será que OLODUMARÉ não tem um plano para cada um de nós?

Claro que o tem e este plano está contido na própria existência de cada ser criado (ORIN INU). IFÁ nos ensina também a nossa verdadeira tarefa nesse mundo, o qual digo que o AYÉ (a terra) foi criada como um grande reservatório do UNIVERSO. Nela está tudo o que existe no ORÚN e está de alguma forma representada, e nós os seres humanos somos os cuidadores deste tão sagrado reservatório, a qual nossa principal

função é preservar e cuidar de toda a natureza, algo que lastimosamente como um todo estamos falhando e deixando que este lugar criado com a ajuda de todos os ORIXÁS, seja destruído e algo pior, todavia por nossas mesmas mãos, aquelas que deveríamos usá-las para protegê-la.



ORUNMILÁ então criou os BABALAWÓS, sacerdotes do AWÓ e qual muitas vezes é chamado de segredo e que em verdade o segredo está na frente dos nossos olhos. O maior segredo de ORUNMILÁ é o próprio conhecimento, o qual é segredo para todos aqueles que estão com os olhos fechados sem ver a realidade do que está acontecendo no nosso mundo.

O Sacerdote de ORIXÁ e IFÁ têm como primeira missão, despertar a humanidade para seu verdadeiro destino e desta forma unir novamente o elo que o próprio ser

humano cortou quando acreditou que era maior e mais importante que a própria obra de OLODUMARÉ.

É por isso que cada BABALAWÓ, BABALORIXÁ ou YALORIXÁ, devem despertar-se para sua verdadeira missão ante a humanidade e buscar as ferramentas para poder desta forma praticá-la, a qual está num único lugar, nas sagradas escrituras do CORPUS DE IFÁ, é por isso a grande importância de IFÁ em nossas vidas.

A IMPORTÂNCIA DE OBEDECER ORUNMILÁ



OLÓFIN mandou buscar o cachorro para dar-lhe um cargo.

O cachorro não fez sacrifícios como havia aconselhado IFÁ com ORUNMILÁ. Ele se levantou muito cedo e dirigiu-se à casa de OLÓFIN, mas pelo caminho encontrou um osso e se entreteve mordendo-o.

Por sua vez, o abutre levantou tarde, mas havia feito o que tinha aconselhado IFÁ.

Então foi ver OLÓFIN para que lhe desse um cargo.

Quando chegou, como ainda o cachorro não havia chegado, OLÓFIN deu o cargo para o abutre.

Quando o cachorro chegou OLÓFIN lhe disse:

“Já é tarde para ti”.

A MATA DE COCOS



Havia uma mata de cocos que estava frondosa e carregada de cocos e por isso ela estava muito satisfeita e orgulhosa e pensava que era a mãe mais feliz que existia na Terra, pois tantos filhos que aparentemente gozavam de boa saúde.

Por isso não fazia sacrifícios e nem se consultava com IFÁ, porque entendia que não necessitava, pois gozava ela e seus filhos de perfeita saúde.

Além do que tinha muitos filhos que em caso de necessidade a respaldavam, mas atendiam a ela sem sequer falar sobre religião e muito menos de sacrifícios.

Quando falavam disso, por qualquer circunstância, ela ficava enfadada e logo ficava de mau humor. Mas aconteceu que quando estava mais feliz, deleitando-se com o ar que a natureza brindava, caiu um filho, ou seja, um coco e ela continuou com o capricho de não consultar IFÁ e nem de fazer sacrifícios.

Um dia passou AZOWANO (BABALU AYÉ) ao seu lado e a saudou. Ela não respondeu e mais adiante, AZOWANO se encontrou com ESHÚ e lhe contou o que havia acontecido com a má geniosa mata de cocos.

Este lhe disse que é porque ela se sente feliz e satisfeita e por isso nem se move. Então AZOWANO disse:



SI NO COCORO LLOBI, LLOBI, LLOBI, LLOBI COCORO

Estas palavras pronunciadas por AZOWANO como um adágio (lentamente), quer dizer: “O verme que está dentro do coco, só o coco sabe”.

Pouco a pouco foram caindo os cocos, um a um e os GUSANOS (vermes) comeram as raízes e a mata de coco também caiu.

Todos os cocos e a mata desapareceram, vítimas de uma enfermidade invisível, algo assim como uma enfermidade análoga, por conta da vaidade, do capricho e do orgulho da mata de cocos em achar que nunca iria precisar de ajuda.

A METAMORFOSE DE OGUN



YEMANJÁ OKUTÉ vivia na terra Sutiro Inlé com **OGUNDALÉ (ALAGUEDE)** e seus três filhos: **EXÚ**, **AKOKÓ** e **IGBO**. **IGBO** tinha um cabelo comprido e encaracolado como a lã de um carneiro. **EXÚ** era mágico e **AKOKÓ** trabalhava no campo. **IGBO** era caçador. **YEMANJÁ OKUTÉ** ao ver o mal comportamento de seus filhos, pôs **EXÚ** de castigo atrás da porta e seguiu vivendo com **AKOKÓ** e **IGBO**.

Então **EXÚ** começou a fazer a vida ficar impossível para **YEMANJÁ** e para seus filhos e, por isso, ela decidiu ir ver o **AWÓ** daquela terra, chamado **SIRÉ AWÓ**. Este lhe fez uma consulta com **IFÁ** e disse que ela tinha um filho caçador e se ele fosse caçar na mata naquela lua nova e não fizesse alguns

sacrifícios e oferendas, OZAIN o encontraria e o juraria em seu segredo e não o deixaria voltar para casa. YEMANJÁ voltou para sua casa assustada e disse a IGBO que IFÁ dizia que ele não poderia ir caçar por esses dias. IGBO não obedeceu e saiu a caçar em companhia de vários caçadores.

Quando adentraram na mata e viram uma grande mata de IROKO, combinaram de estipular que ali seria um ponto de referência de encontro e cada qual ia caçar em seu lugar e voltariam ao ponto de referência. Já dentro da mata IGBO se encontrou com OZAIN que vinha cantando:

**OZAIN BOMBO ELENU SHAKOTA
OZAIN BOMBO**

OZAIN quando o viu disse: Venha comigo aonde está o meu segredo, e lhe deu três APARÓ (codornas) e OZAIN levou IGBO diante a seu segredo e preparou o necessário para jurá-lo, buscou os EWÉS (ervas) apropriados e IGBO começou a dormir. Durante o tempo em que durou a caça, não se sabia onde ele estava e ele começou a sofrer uma transformação e se converteu em ODÉ e nunca mais soube o que se passava no

mundo dos vivos. Quando a caça terminou, todos os caçadores se reuniram aos pés de IROKO e ao ver que IGBO não vinha, o chamaram com o corno (chifres), mas foi em vão, porque este não vinha e eles começaram a cantar:

**FARÁ ARERÉ AFINIBÓ FARÁ ARERÉ
KEKÉ OMO RODÉ**

E cantando esse suyere regressaram à terra de SUTIRO INLÉ, onde vivia a família de IGBO.



Quando chegaram, AKOKÓ e OGUNDALÉ perguntaram por IGBO, e eles disseram que eles não tinham notícias dele depois que se separaram. AKOKÓ ficou inquieto, mas OGUNDALÉ não vacilou, já que sabia

porque seu omo IGBO estava passando por aquela prova.

AKOKÓ não teve paciência e foi à casa de SIRÉ AWÓ para fazer uma consulta com Ifá, onde este lhe disse os mesmos conselhos que ele deu para seu irmão IGBO.

AKOKÓ foi onde estava seu BABA TOBI (pai) e forjou (fez) sete instrumentos: Picareta, Pá, Martelo, Bigorna (Yunke), Facão, Rastelo e Barreta. Então as lavou com EWÉ (alfavaca e picão preto) e lhe deu Ejebalé de Akukó Oka. Ele arrumou o Akukó e o colocou junto com suas peças em suas costas e saiu por dentro da mata onde ia abrindo uma trilha com sua enxada e ia cantando:

**OGUN NIKOTÓ BOWALÉ MARIWÓ
LELE MARIWÓ DIERE OGUN**

**NIKOTÓ BOWALÉ MARIWÓ LELE
MARIWÓ LA ORÉ**

Então se encontrou com seu irmão que era ABANPOPÓ (o corpo coberto de penas) porque como eram caçadores, lhes colocavam as penas de seus inimigos em cima

deles. **AKOKÓ** o colocou nas costas e saiu da mata com ele e o levou para sua casa.

YEMANJÁ OKUTÉ não quis receber seu filho desobediente, o qual vinha coroadado com as galhadas de **AGBANI, ERAN MALU**, onde **YEMANJÁ OKUTÉ** disse que **IGBO** não merecia o carinho de sua mãe e de seu pai e **AKOKÓ** respondeu:

Se vocês não querem ver mais a **IGBO**, não verão mais a mim tampouco. Eu não vivo sem ele e prefiro estar separado de meus pais a estar longe de meu irmão **OKANANI** (mesmo coração).

Então ele deu o **Akukó** para sua mãe **YEMANJÁ** e começou a cantar:

**AWÁ GBOGBO NILOGUN ONILÉ TONA
NILAGUEDÉ AWI SIBÁ**

**OMANAYÉ OGUN AKOKÓ LELE ONI
GBOGBO KOLÓ IRI**

**MARIWÓ OBODÉ OGUN DE MARIWÓ
OBODÓ OBODÉ**



Então AKOKÓ se foi com seu irmão ODÉ e com as peças que havia forjado (feito) e se transformou em OGUN. OZAIN, que não podia suportar a ausência de ODÉ, que era seu discípulo preferido, foi se aproximando e se opôs de OGUN estar com ODÉ, mas OGUN disse a OZAIN: Falta-te a coroa para que tu sejas grande, porque tua coroa não cabe bem em sua cabeça. Então OGUN disse a OZAIN: Vamos fazer um pacto para que tenhas coroa, e então lhe forjou uma com 16 pássaros, que sempre OZAIN tinha em cima dele e OGUN lhe fez EKUN KENEUN e OLOGBO ao segredo de OZAIN e lhe cantou:

**AWÁ DE AWÁ MADEO OZAIN TEMI
TOUSA LAYÓ WÁ**

Então eles fizeram um pacto onde os três se representavam pelos ferros, cada um em seu caminho. YEMANJÁ OKUTÉ, desolada de ter perdido seus filhos, se transformou em YEMANJÁ ALAGUEDÉ e em pouco tempo se encantou e se foi desse mundo.

Desde então é que OGUN, OXÓSSI e OZAIN são OKANANI (o mesmo coração).

A NECESSIDADE DE SHANGÓ



SHANGÓ era o governador de um povo onde tinha muitos negócios. Mas um dia lhe veio maus tempos e os negócios começaram a andar para trás. Ele apreensivo de encontrar-se nessa situação a que não estava acostumado, decidiu ir embora daquele povo.

Seus familiares disseram:

“Por que não vais ver a ORUNMILÁ te consultar com IFÁ antes de partir?”

SHANGÓ assim o fez e ORUNMILÁ disse que ele teria que fazer alguns sacrifícios e oferendas e disse que ele deveria levar tudo na praia.

Ao chegar ali, se encontrou com OSHÚN quem se alegrou ao vê-lo, porque queria falar com SHANGÓ e este lhe respondeu que esperasse, pois ele precisava deixar os sacrifícios na praia.

Quando SHANGÓ voltou, OSHÚN lhe disse que se ele quisesse, ela poderia se juntar a ele nos negócios, para criação de animais de todos os tipos. SHANGÓ aceitou, porque ele estava acostumado com isso, pois era isso que ele fazia.

Assim a sociedade com OSHÚN começou e os dois começaram a prosperar de novo.

A DESOBEDIÊNCIA DE OBATALÁ



PATAKI:

Quando OBATALÁ veio à Terra, a primeira coisa que fez foi consultar-se com IFÁ, para conhecer sua sorte e destino.

ORUNMILÁ lhe disse: “Você tem que fazer uma oferenda com muito sal dentro de uma abóbora, juntamente com um pano branco”, e OBATALÁ lhe interrompeu e logo perguntou: “Por que devo fazer essa oferenda?”

E ORUNMILÁ lhe respondeu: “Para não encontrar desgraça na Terra”. OBATALÁ não quis fazer o sacrifício e seguiu o caminho para sua casa e ali recebeu muitas visitas.

Quando caiu a madrugada, já todos haviam ido embora, exceto EXÚ, que se espreitou

discretamente dentro da casa, sem que nada nem ninguém o visse. OBATALÁ estava em sono profundo. EXÚ pegou a ABÓBORA que OBATALÁ não quis oferecer e a fixou nas costas dele, cobrindo-a em seguida com um pano branco.

Quando OBATALÁ despertou, viu que tinha uma enorme corcunda em suas costas e todos se perguntavam como havia sobrevivido com esta deformidade. Depois de matarem sua curiosidade, todos foram embora e nos dias seguintes, se recusaram a recebê-lo.

Por fim, EXÚ veio ver OBATALÁ e lhe disse: “Tu recusaste a fazer a oferenda de sal e, por isso, jamais o comerá!”

Por isso, as OFERENDAS E ADIMÚS dados a OBATALÁ não levam sal.

A PACIÊNCIA É O PAI DO BOM CARÁTER



ORUNMILÁ disse que para poder seguir seus caminhos tem que aprender a arte e a eficiência da perseverança.

Ele disse que as medicinas e preparados podem falar, mas a paciência é tão constante como a existência do céu e da Terra.

A paciência requer o domínio sobre si mesmo e a habilidade de resistir à tentação para poder vencer a maldade.

Se um é ofendido pela ação determinada dos demais, não se espera uma reação por meio de uma vingança, mas sim da espera pelo julgamento onde as divindades seguramente intervirão a favor da justiça.

Mas em qualquer caso, as pessoas estão expostas a se incomodarem e a querer se vingar o mais rápido possível, mas não se

deve permitir que esse caráter irascível se estenda por mais de uma noite.

O calor da água fervida não dura do anoitecer ao amanhecer.

A PALAVRA DE ORUNMILÁ NUNCA VAI AO CHÃO



PATAKI:

Uma vez um caçador foi se consultar com ORUNMILÁ onde este disse que para poder seguir caçando tinha que fazer oferendas e sacrifícios.

Como o caçador tinha outra crença e não ligou para o que ORUNMILÁ disse e passou desde então a menosprezar ORUNMILÁ. Se pôs então a caçar tentando pegar um porco

espinho. Quando o caçador voltou ao povoado, começou a dizer que ORUNMILÁ havia se equivocado e que era um charlatão. Então se reuniram todos seus amigos e prepararam um grande banquete. Quando estavam na mesa o chefe que falava mal de ORUNMILÁ para menosprezá-lo mandou um recado com o comissário convidando-o à festa.

ORUNMILÁ mandou dizer que embora ele tivesse conseguido caçar o porco espinho, nenhum deles conseguiria comê-lo, pois a mesa estava posta por conta da desobediência do caçador.

Eles fizeram pouco caso e o caçador que presidia a mesa, segundo costumes, era o que partia primeiro e se servia, assim o fez. Partiu um pedaço do animal e se serviu em um prato. Quando colocou dentro da boca ao tempo de mastigá-lo se travou no céu da boca um pedacinho de lança com que o caçaram, a qual havia partido e ficado dentro do animal. Pela ferida que se fez, começou a brotar abundante sangue sem que a hemorragia pudesse ser contida, matando o caçador em instantes, onde as pessoas devido

ao susto que passaram, já não podiam comer e a mesa ficou posta.

Ao saberem os filhos de **ORUNMILÁ** do acontecimento, organizaram outra festa e saíram cantando dizendo:

“A palavra de **ORUNMILÁ** nunca vai ao chão”.

A PALAVRA EBÓ



Este vocábulo

Yorubá significa na regra geral: **FAZER SACRIFÍCIO**. Dele se derivam as seguintes palavras: **EBÓ GÜONÚ, EBÓ YURÉ, EBÓ FÍ, EBÓ ODÁ, ORUBÓ, EBÓ KEÚN, ODÚ KEÚN**.

EBÓ GÜONÚ, quer dizer que chegue ao outro mundo, isto é, quando se dá a qualquer **ORIXÁ**, no **Igbá** ou de qualquer outra forma, um animal de quatro patas. Aos três

dias de haver feito o sacrifício do animal, se faz o ITÁ, isto é, EBÓ GUONÓ.

EBÓ YURÉ, ao qual todos dizem EBÓ SHURÉ, é quando se faz de tudo num só dia, no ato, isto pode ser desde um simples frango com todos seus ingredientes, até um ou vários animais de quatro patas. Quando se faz dessa forma, não se faz ITÁ, por isso leva o qualificativo de EBÓ YURÉ.

Este Ebó se faz a vista de todos e quando se acaba de sacrificar o último animal ou ave, se dá o OBI (coco) aos ORIXÁS correspondentes e dessa maneira eles falarão por meio dos cocos. Ao mencionar o animal de quatro patas, não queremos dizer que todos os EBÓS YURÉ levem esses animais, porque às vezes leva unicamente os outros bichos que se dá a esse ORIXÁ, não necessariamente o bicho de quatro patas.

O EBÓ YURÉ pode estar acompanhado também de um tambor (BATÁ), também se podem colocar frutas ao ORIXÁ. O EBÓ META, EBÓ dos três meses, é o EBÓ que se faz em um só dia, leve o que leve, é um EBÓ YURÉ.

EBÓ FÍ, esta palavra diz que se fará o que se tem feito, um pouco que seja.

EBÓ DÁ, esta palavra diz que o que se está fazendo está bem desde que seja para o bem.

EBÓ FÍ, EBÓ ADÁ OU EBÓ DÁ, quer dizer que o pouco que se está fazendo é para o bem. A este Ebó também se chama **EBÓ KEÚN**, que quer dizer, pedacinho.

ORUBÓ, basta acionar, rezar ou falar ao **ORIXÁ** ao qual se está mencionando o **ORUBÓ, EBÓ KEÚN, ODÚ KEÚN**, quando em um ano se faz várias vezes esses **EBÓS** já mencionados, como **EBÓ GÜONÚ** e **YURÉ**.



Quando falamos sobre o **EBÓ YURÉ**, disse quando se dá o sacrifício ao **ORIXÁ** e a este lhe dá **OBI** (coco), é para saber se recebeu ou

não o que se lhe foi dado, ou acabou de dar, isto quer dizer: que um ITÁ ou um registro sinala unicamente para saber se está conforme com o que se acaba de dar.

Não se pode fazer um ITÁ antes dos três dias a contar da data em que se fez o sacrifício ao ORIXÁ, pois este é o primeiro dia que ele recebeu a oferenda e também OROIÑA, que é a entranha da Terra, assim como o ar, que espalha o fluído espiritual deste pelo espaço.

Ele não chega a Ará Onú (terra dos espíritos) antes dos três dias, até que os sinais que se colocam ao ORIXÁ não se corrompam, assim desta maneira se sabe que nossos maiores de outro mundo, estão autorizados por meio do ASHÉ que põem na boca dos IWORÓS (adeptos da religião) e ORIATÉS, para que com esse ASHÉ eles possam dizer as pessoas que estão fazendo o EBÓ, o caminho a seguir nessa vida, através dos conselhos.

É por essa razão que não se pode fazer ITÁ nem antes nem depois dos três dias, porque onde se ofereça pela manhã e se faça o ITÁ pela tarde ou ao outro dia, já é um registro como outro qualquer, porque este EBÓ não

chegou a Ará Onú para que OLÓFIN dite ou sentencie de acordo com o que a pessoa tem feito de bom ou mau nesse mundo.

Quando o EBÓ GÜONÚ não é feito dessa forma, se está enganando ao neófito e ao adepto da religião e desse modo se está fazendo algo indevido, porque mais cedo ou mais tarde esses feitos de maldade ou de ambição trarão suas consequências.

Ifá Ni L'Órun

A POBREZA ESPIRITUAL DE UM SACERDOTE



A hierarquia de IFÁ (espiritual) põe cada sacerdote no patamar que merece por seus méritos e feitos.

Diante desta afirmação, as escrituras sagradas nos deixam claro que, o universo

espiritual atua de forma justa e imparcial na avaliação de cada sacerdote na Terra. Ou seja, o merecimento, sem dúvida, definirá uma posição acima ou abaixo que um religioso ocupará dentro do contexto espiritual onde se desenvolva.

Seguindo o mesmo raciocínio baseado no ponto de vista de IFÁ, seria correto afirmar que ninguém jamais, JAMAIS ocuparia uma posição elevada dentro de nossa religião se esta não tenha sido conquistada através dos próprios méritos DIGNAMENTE.

De acordo com IFÁ, o talento, a fé, o esforço, as boas intenções, a dedicação, a ética, a aptidão, o sacrifício, a gratidão, a solidariedade, a generosidade, são exemplos de atitudes e ações (feitos) de um religioso que conquistam o reconhecimento espiritual, recebendo em troca o Ashé (bênção), justificando através do êxito, das conquistas, da prosperidade de um religioso, o mérito que a espiritualidade dá a ele como sacerdote. Simples!

Como diz IFÁ: “Se não é capaz de provar o que diz com feitos, não há dito nada”.

Nossa religião está embasada em uma filosofia. Devemos nos enquadrar em várias exigências e muitas dessas exigências consistem em melhorarmos como seres humanos para que nossos feitos tenham mérito. Porém, muitos não estão dispostos aos sacrifícios necessários para triunfar dignamente, acreditam que exista uma forma mais fácil, mais cômoda para crescer da noite para o dia, passando por cima de tudo, violando as leis estabelecidas por OLÓFIN e os ORIXÁS, mas logo se deparam com a realidade e se frustram. A partir daí é quando utilizam de meios que são considerados por IFÁ indignos, como a mentira, os falsos testemunhos, aliciamento de filhos de santo e afilhados de outros sacerdotes, desviando o destino dessas pessoas com um discurso de salvadores do mundo quando ainda não foram capazes de salvar a si mesmo.

Quando conseguem lucrar alguma coisa através dos meios obscuros citados, logo

perdem, pois, passam por cima de princípios que são sagrados para IFÁ, pagando um preço alto como a infelicidade com os filhos, com o matrimônio, doenças, solidão, vergonha, perdas financeiras e por aí vai. Eu lhes pergunto: “Vale à pena? ”

Qual mérito em conquistar algo através da mentira? Através dos afilhados e filhos de santo dos outros? Através da calúnia? Nenhum, só estás mostrando que é um pobre espiritualmente, um incapacitado!

Segundo eles, uma pessoa que se dedique, estude, lute e conquiste resultados satisfatórios através dos seus próprios esforços, não merecem o que possui, ou seja, não são eles que são medíocres?!

Não é tão fácil como parece triunfar nesta religião, tenha visto que os muitos aventureiros que deslizam na lama e não saem do lugar há anos; uma hora ganha uma coisa logo perde outra, outros que não se conformam com os próprios resultados. São tão cegos que não compreendem as próprias limitações, pior, não conseguiram assimilar a

própria religião que hipocritamente dizem professar, do contrário, entenderiam que seus fracassos também se justificam pela falta de mérito que possuem como religiosos. Poupariam seu tempo em levantar calúnias e mentiras das pessoas QUE INVEJAM E GOSTARIAM DE SER COMO ELAS e não se prestariam a esse papel de serem tão palhaços. Simples!

Resumo: suas vitórias e seus fracassos na religião estão relacionados ao mérito que possui como religioso diante das divindades, portanto, ponha-se no seu lugar, e respeite a história e trajetória dos outros.

A inveja nasce da sensação de impotência que uma pessoa sente diante dos feitos da outra, um sentimento que consome principalmente àqueles que são frágeis e não se aceitam, àqueles que buscam autoafirmação, visando curar os traumas emocionais que foram submetidos pela vida usando a religião. São covardes ao ponto de não terem coragem de encarar o pior inimigo, o monstro que se encontra dentro deles.

Graças também a esses parasitas nossa religião está em decadência.

**Oluwó Siwajú Evandro Otura Aira Ifá Ni
L'Órun**

A REAL IMPORTÂNCIA DA INICIAÇÃO EM IFÁ



Uma das coisas que mais nos inquietam é saber qual é o nosso propósito nesse mundo. Qual é a verdadeira razão pela qual estamos nessa vida. Há pessoas que vivem para servir um propósito a longo prazo e outras a curto prazo.

Todos como seres humanos nos convertemos em egoístas sem nos darmos conta. É um comportamento natural. Como seres humanos dizemos, fulano morreu salvando a

sicrano. O que não sabemos é qual era o propósito dessa pessoa que perdeu sua vida em prol do outro.

Por fim, o propósito de nossas vidas, ante os olhos do ser humano, é desconhecido.

Só através da iniciação em IFÁ é que podemos saber qual é o propósito e como será a vida que escolhemos viver nessa Terra.

ORUNMILÁ é imparcial, revela seu ODÚ (signo de IFÁ) que desenha sua vida, te abre os olhos e te mostra qual é o seu verdadeiro DESTINO que escolheste para viver, antes mesmo de descer a esta Terra.

Muitas pessoas chegam aos pés de ORUNMILÁ buscando uma resposta que elas querem escutar.

Entretanto, ORUNMILÁ te ajuda a decidir se esse momento é bom para fazer determinada coisa ou não e no caso de ser, ele te recomenda que faça alguns sacrifícios antes de fazer, para que evites complicações e tudo corra bem, porque ORUNMILÁ é o senhor sabedor de todas as coisas.

Então como pode uma pessoa olhar com os olhos celestiais e saber a que coisas se ater e que decisões tomar? Só recebendo seu IKOFÁ (se for mulher) se tornando APETEBI NI ORUNMILÁ ou seu AWÓ FAKAN (se for homem). ORUNMILÁ te revelará teu ODÚ (signo de IFÁ) que vai te dar todas as características de tua vida, passada, presente e futura. Te dirá quais são as coisas que existem em seu destino, muitas as quais não tinhas conhecimento.



Imagine que estás parado em frente a um edifício e te dizem que tens que entrar no edifício e subir até o andar número 9 e no escritório número 333. Nele tem uma gaveta que há dentro uma caneta e que deves pegá-la e trazê-la consigo. Tudo isso deves fazer

com a luz apagada e tudo escuro. Agora, como seres humanos que somos, pensa que não será difícil? Pensa que não passarás dificuldades para localizar o andar 9, o escritório 333, a gaveta e a caneta? E depois regressar até embaixo outra vez e sair sem complicações?

Imagine esse exemplo em sua própria vida, os tropeços, as más decisões, as que nunca tomaste por medo, teus maus passos, etc.

Agora imagine se alguém te peça que faça o mesmo, mas dessa vez com a luz acesa. Sabes que seria muito mais fácil. Ao invés de subir pelas escadas, subirias usando o elevador, fosses direto ao andar 9 e encontraria o escritório 333 rapidamente e também com a mesma rapidez a gaveta onde estava a caneta e conseguiria sair dali sem problema algum.

Isso é o que faz IFÁ na vida de uma pessoa, o que faz ORUNMILÁ a uma pessoa que tenha recebido seu IKOFÁ ou AWÓ FAKAN.

ORUNMILÁ te brinda com a oportunidade de consultar um ORÁCULO que não mente. Ele te alertará antes de tomar decisões que te

afetarão. Enfim, é uma infinidade de benefícios os que trazem o receber IKOFÁ ou AWÓ FAKAN.

Nós quando nos deparamos de frente ao mar, olhamos até o horizonte, mas chega um momento que nossos olhos não nos permitem ver mais além.

Porém com ORUNMILÁ, todos os ORIXÁS, todos os EGUNS que veem tudo, podem nos guiar e alertar dos males de nossas vidas que não conseguimos enxergar.

Não devemos buscar na religião respostas escolhidas, as que queremos que nos digam, tampouco devemos buscar na religião riquezas materiais.



IFÁ nos dá a lição de que nossa riqueza mais valiosa é a espiritualidade, porque essa é a que nós levamos quando nosso propósito

nessa Terra já esteja cumprido, quando devemos então partir.

Um Awó deve ser experiente o suficiente para decifrar a palavra de ORUNMILÁ, sendo também um eterno discípulo de ORUNMILÁ e exímio estudioso dos segredos de IFÁ.

Um Awó sem conhecimento necessário é um cego na interpretação dos ODÚS de IFÁ (escrituras).

E jamais poderá guiar alguém, já que por falta de conhecimento tentará apontar caminhos que não condizem com a verdade de IFÁ.

A RELAÇÃO DE BOROMU E BOROSIÁ COM ODUDUWÁ E YEWÁ



BOROMÚ e BOROSIÁ são deidades de sua importância local, como muitas outras

divindades que ao chegarem em terras americanas ganharam popularidade e se fizeram conhecidas em todo o conglomerado YORUBÁ aqui representado.

São de origem EGBADÓ, pois seu culto, apesar de hoje estar muito vinculado a ODUDUWÁ, originalmente se associava mais a YEWÁ e OLOKUN.

A associação com corpos desmembrados, decomposição anatômica e tudo mais que envolve essas deidades deve-se por conta da associação com os ORIXÁS YEWÁ e ODUDUWÁ.

ODUDUWÁ originalmente se entregava com BOROMÚ, mas não com BOROSIÁ, que veio depois. Há um PATAKI que explica que YEWÁ desmembrou BOROSIÁ, que é a “fêmea” (que alguns chamam dos IBEJIS de ODUDUWÁ), pois YEWÁ desejava esconder seus atos proibidos.

Recordemos a história da castidade de YEWÁ, vulnerada pela intervenção de XANGÔ. XANGÔ desvirtua a casta YEWÁ

e esta é a razão de sua inclusão no mundo dos espíritos.

YEWÁ era uma deidade de grande culto em EGBADO, que hoje inclusive leva esse nome: YEWÁ.

Disso tudo se colige, pois não há fundamentos para pensar na presuma importância (pois, sabemos finalmente qual é a função) dessas duas deidades no mundo de IFÁ. São importantes, pois, vão junto com ODUDUWÁ.

Dizem que nascem no ODÚ de IFÁ OSHE MEJI e como OSHE MEJI tem uma relação a respeito de OFUN MEJI no tabuleiro, portanto é lógico que guardem ODUDUWÁ.

ODUDUWÁ é OFUN MEJI a grosso modo.

O modo de consagrar ambas deidades varia. Em IFÁ se carrega com todas as cargas. Tem 4 otás – o que significa que são ORIXÁ FUN FUN – ferramentas e elekes que alternam no caso de BOROMÚ verde e branco e no de BOROSIÁ rosa e branco (aí o vínculo com

YEWÁ, que se associa com o rosa). O verde é por conta da associação com ODUDUWÁ. Alguns afirmam que não há elekes para eles por serem seres espirituais.

BOROMÚ come simbolicamente na consagração dos OMO OLOKUN a YEMANJÁ.

Alguns afirmam que BOROMÚ é filho de YEWÁ com XANGÔ

A SUSTENTAÇÃO DE OXÓSSI



Em ILÉ OSHODÉ, vivia em uma solitária cabana no meio da mata OXÓSSI, onde todos o temiam pelo poder que tinha com OGUN. Foram procurar um OMOLOGU (feiticeiro) de outra terra para destruir

OXÓSSI. O OMOLOGU chegou então com seus homens até a cabana com a finalidade de roubar o fundamento dele, enquanto OXÓSSI dormia. Colocou incenso na porta, fez seu ritual e entrou.

OXÓSSI acordou e ao notar o que estava acontecendo, fez uma mojugba e logo as pernas do OMOLOGU se cobriram de feridas. Ele teve que sair da cabana de OXÓSSI sem conseguir seu objetivo, mas deixou uma maldição para que OXÓSSI, através de um encantamento maligno, ficasse com suas pernas debilitadas.

E o tempo passou e um dia OXÓSSI estava na selva caçando, quando foi atacado surpreendentemente por um tigre ao qual pode matar, mas este feriu suas pernas gravemente. Arrastando-se, foi até a casa de seu irmão INLÉ, o qual vivia em sua cabana no rio.

OXÓSSI desmaiou na margem do rio e seu sangue correu rio abaixo. INLÉ e sua mulher ABATA estavam pescando e ao ver o sangue, subiram rio acima e o encontraram. Os dois o carregaram e o levaram até sua cabana, onde INLÉ, com seus conhecimentos

curativos, o curou e OXÓSSI se restabeleceu completamente. INLÉ e ABATA o levaram até a Casa de ORUNMILÁ, o qual disse:

“Só permanecendo unidos para sempre, poderão anular o encantamento de OMOLOGU”.



OXÓSSI em agradecimento pelo que seu irmão e sua cunhada haviam feito por ele, disse:

“Juro em frente a você ORUNMILÁ, que de hoje em diante todos os meus filhos, ao fazerem e se consagrarem em OSHA, chegarão com ABATA abraçada a sua direita e INLÉ abraçado a sua esquerda e tocarão à porta para chamar os OSHAS com os OTÁS destes que me salvaram a vida, mas

se ainda assim é pouco e, enquanto se efetue as Cerimônias de ODO (rio), INLÉ permanecerá no joelho esquerdo e ABATA no joelho direito. Depois disso ORUNMILÁ disse:

“Mas falta algo. Vão à Casa de OGUN e peçam a ele dois cachorros, ARISTASI e ARISTAMASI, para que vigiem à noite e OMOLOGU nunca mais se aproxime de seus territórios.

Assim viveram os três, felizes graças a ORUNMILÁ.

NOTA: Essa é uma das razões do porquê os filhos de OXÓSSI entram com INLÉ e ABATA no momento da consagração desse ORIXÁ.

A TERRA DE AGANYÚ (AGANJÚ) O REI



Pataki:

SHANGÓ ia andando por todos os povos do Planeta, mas nunca podia chegar perto de uma terra que trovejava e tremia e sempre estava coberta por gases incandescentes. Então foi à casa de **ORUNMILÁ**, onde este numa consulta com Ifá viu esse odú e ele disse que tinha que fazer ebó e levá-lo a margem de um rio. **SHANGÓ** fez tudo como lhe indicou **ORUNMILÁ** e quando foi se encontrar com **ELEGUÁ** (Elegbara), que depois de se saudarem, começaram a conversar. Foi quando **ELEGUÁ** disse a **SHANGÓ** que depois do rio havia um vale muito fértil, onde havia um povo em que as pessoas que viviam ali não tinham uma opinião formada do que faziam, pois estavam sem rumo, perdidas. Qualquer que fosse o assunto a tratar, o rei daquele lugar falava aos súditos de longe para não se deixar ver.

SHANGÓ ficou intrigado e perguntou a **ELEGUÁ** como é possível um povo ter um

rei que não conhece e não vê. SHANGÓ decidiu ir ver aquele rei e ELEGUÁ disse que o rei ia sempre todas às tardes à margem do rio para refrescar-se e que havia uma pessoa, uma mulher, OSHÚN, que o esperava e sabia onde ele vivia.



Ao cair da tarde SHANGÓ chegou ao rio e em pouco tempo ouviu um ruído muito forte, como um estrondo e viu uma mulher correndo pela margem oposta do rio. Pouco depois viu chegar um homem muito grande, um gigante, que submergiu de imediato para remover as cinzas que tinha em cima dele e a mulher esperou que ele mesmo saísse da superfície do rio e começou a por água pela cabeça dele a fim de refrescá-lo.

SHANGÓ, que o estava observando o tempo todo, começou a dar gritos para que eles o vissem e quando o viram, perguntaram o que ele desejava e este lhe respondeu: Quero atravessar o rio.

AGANJÚ, que era o rei daquele lugar, arrancou uma palma e usando-a como um bastão, atravessou **SHANGÓ** de uma margem a outra do rio. Depois do feito, produziram-se as apresentações pertinentes e perguntaram de novo a **SHANGÓ** o que ele queria e ele logo respondeu que gostaria de conhecer o povo de **AGANJÚ**.

SHANGÓ foi ao povo e observou que seus habitantes se conduziam sem controle e viu como **AGANJÚ** não chegava muito perto de nenhum deles.

Ao perguntar **SHANGÓ** porque daquela atitude das pessoas, **AGANJÚ** lhe disse: venha a minha casa e você saberá. E assim foi como **SHANGÓ** tomou conhecimento que **AGANJÚ** vivia num vulcão.

AGANJÚ se surpreendeu ao ver **SHANGÓ** caminhar sobre a lava sem se queimar e lhe perguntou como ele não se queimava.

SHANGÓ lhe disse: “Eu sou filho de **YAMASÉ** e agora eu desejo recuperar o seu povo, pois eu percebo que alguns de seus filhos podem falar diretamente contigo, mas outros, quando se aproximam de você, se sentem transtornados”.

Então **AGANJÚ**, **SHANGÓ** e **OSHÚN** fizeram um pacto, para que **SHANGÓ** e **OSHÚN** tivessem o mesmo direito sobre dos filhos de **AGANJÚ**, sempre e quando eles não pudessem falar com ele diretamente, falariam com **SHANGÓ** E **OSHÚN**.

Para selar o pacto **AGANJÚ** serviu a **SHANGÓ**, akukó meji, etu e eyelé e pintou a cabeça sob a coroa de **SHANGÓ** uma linha vermelha, uma branca e uma outra vermelha onde **SHANGÓ** serviu a **AGANJÚ**, etu, akuado, oka, olele, ekuru, aro e para que todo o mundo soubesse do pacto, quando o vulcão entrasse em erupção, primeiro sai a chama que é **SHANGÓ** e depois a lava que é **AGANJÚ**.

ABRE CAMINHOS COM ELEGUÁ



Ingredientes:

- 7 Velas de 7 horas**
- 7 moedas**
- 7 punhados de arroz**

Com o nome da pessoa anotado em 7 pedacinhos de papel com sua data de nascimento, acender uma vela de 7 horas por dia, colocando um papel e uma moeda debaixo dela.

Rodeá-la com um punhado de arroz.

Vá juntando todos os “restos” em um papel vermelho.

Terminada a oferenda, buscar uma encruzilhada de caminhos.

Na última esquina depositar os restos de velas, cobri-las com o arroz e rodeá-la com as 7 moedas.

Maferrefun Eleguá todos os dias.

ADIMU – OFERENDAS – SIGNIFICADOS



ADIMU – A: quem, DI: transforma, UM: absorvendo.

Basicamente é oferecer alimentos a vários ORISHÁS os quais absorvem até consumir a espiritualidade dos mesmos.

Utiliza-se para manter o cuidado das relações que os homens mantêm com os antepassados, com certos espíritos, com os ORISHÁS e para reforçar as relações que devem existir entre os seres humanos com o resto dos seres que habitam dentro do

universo no qual vivemos e de fato, esta ação nos proporciona ter paz e harmonia.

O ADIMU, portanto, representa uma maneira de reorganizar o universo a favor da raça humana.

ADIMUNLÁ: o sufixo NLÁ significa: “grande”, ou seja, Grande Oferenda

ALADIMU: É a pessoa que oferece o ADIMU

GBOGBO TEUN ONGEN: (GBOGBO TENUYE): Oferendas de comidas variadas. Denominam-se as oferendas que compõem vários tipos de alimentos comestíveis para o devoto que, geralmente, as dedica aos antepassados, ou seja, todas as comidas que a boca come.



EBÓ SHIRÉS: São ADIMUS em pequenas quantidades, unidos e se oferecem a um ORISHÁ determinado, para que o distribua entre os demais para receber sua graça em função de quem faz o sacrifício ou oferenda. Não deve faltar OBI, EKÚ, EYÁ, EKÓ e frutas. Se faz diante a um OPON de IFÁ, se se tratar de um BABALAWÓ.

EBÓ KEUN EDUN KEUN: É um ADIMU tipo EBÓ SHIRÉ, mas as oferendas são colocadas diretamente a cada ORISHÁ. Começa-se por ELEGUÁ e se termina pelo ORISHÁ TUTELAR da pessoa. Dá-se OBI a cada ORISHÁ e se pergunta: KEFEYI YENI YENI EDUN (número de dias que vai ficar a oferenda).

BOLAS DE FARINHA: Estas bolas se preparam misturando farinha de mandioca com mel de abelhas e entre as mãos e vai se moldando cada bolinha. Esse ADIMU é de grande valia para ORUNMILÁ, ELEGUÁ e OSHÚN.

BOLAS DE FUBÁ COM FEIJÕES VERMELHOS: Confeccionam-se misturando o fubá com os feijões vermelhos.

**o abricó a SHANGÓ. A goiaba a ELEGUÁ.
A graviola a OBATALÁ, etc.**

ADIMU (oferenda) A AGANJÚ



**Pode ser oferecido também a IBEJI e
ELEGUÁ**

Ingredientes:

6 a 7 bananas verdes grandes

Azeite de dendê

Mel de abelhas

Pimenta da Costa

Pimenta doce

Sal

Coentro

Canela em pó

Procedimento:

Descasque as bananas verdes e corte-as em pedaços ou cubos. Ponha para ferver na água e acrescente sal e algumas folhas de coentro.

Triture a pimenta da costa e a pimenta doce com um pilão e deixe separado.

Quando as bananas já estiverem cozidas, preferencialmente ao dente, retire-as e reserve-as a fim de esfriar um pouco, porém não muito, pois com elas ainda quente, amassá-las a fim de fazer um tipo de um purê das bananas verdes.



A essa massa acrescente as pimentas trituradas, canela em pó e um pouco de dendê.

Faça essa massa e prove. Acrescente um pouquinho de sal a fim de temperar.

Faça 9 (nove) bolas ou plaquetas e unte-as com dendê.

Coloque tudo num prato ou recipiente fundo, ou em uma gamela de madeira e deixe em frente ao ORISHÁ AGANJÚ. (Se não tiver o ORISHÁ assentado, pode-se fazer e deixar tudo em um lugar alto na intenção do ORISHÁ).

Acenda uma vela de 7 (sete) dias.

Regue tudo com mel de abelhas e ao lado de tudo coloque uma taça de vinho branco seco.

Ao final de 9 (nove) dias, retire tudo e deixe em um matinho, de preferência na beira de um rio.

ADIMU (OFERENDA) A OSHÓSI



Ingredientes:

Ameixas desidratadas (secas)

Mel de abelhas

Anis (waji)

Licor de anis

Procedimento:

Em um recipiente fundo ou prato fundo, colocar as ameixas secas.

Colocar em cima um pouco de waji (anis) e um tanto de licor de anis.

Em seguida colocar bastante mel de abelhas. (Não há problemas em colocar o mel, já que há o licor de anis junto. Lembrando que o mel esquenta e é necessário).

Nesse momento rogue e faça seus pedidos a OSHÓSI, ou simplesmente ofereça como agradecimento.

Deixar esse ADIMU pelo espaço de 2, 7 ou 14 dias, juntamente com uma vela de 7 (sete) dias. No final dos dias deixar tudo em uma mata.

NOTA: Deve-se oferecer um pouco a ELEGUÁ e ao ORISHÁ INLÉ antes de oferecer a OSHÓSI.

ADIMU A OYÁ – ÓBA – YEWÁ



Para preparar a farinha de milho ou fubá doce ou doce de farinha de milho ou fubá necessitam:

2 copos de farinha de milho ou fubá

6 copos de água

2 colheres de sal

Canela em pau

Casca de limão

1 copo de meio de leite

1 copo e meio de açúcar

1 colherzinha de baunilha

Preparação:

Cozinhe o fubá com água, sal, canela em pau e a casca de limão.

Utilizar uma colher de madeira para esta ação.

Quando estiver bem espessa, se coloca o leite e o açúcar.

Cozinha-se de novo por mais 30 minutos mexendo ocasionalmente para que não pegue no fundo da panela.

Quando tirar do fogo, acrescente a baunilha.

Sirva quente ou frio num refratário e coloque diante do ORISHÁ desejado com uma vela de 7 dias e peça o que deseja.

NOTA: Se este ADIMU é para OBATALÁ, não acrescente o sal.

DIFERENÇAS ENTRE AGANJÚ E XANGÔ



Dentro dos vários tratados de Orishás aos quais tive acesso, vemos que Shangó é

diferente de Aganjú, ou seja, afirmam categoricamente que um Orishá não tem nada a ver com outro. Por exemplo, em Osá Bara e Obara Sá falam da manifestação de Aganjú como Orishá específico isso nos dando a certeza, visto que Aganjú é um Orishá distinto, pois mostram neles e em suas expressões que a vestimenta de Aganjú, os gostos, o culto de Aganjú, os Igbás e os assentamentos dele, são diferentes dos de Shango. Quero lembrar mesmo assim que entre esses Orishás existe uma ligação muito forte, mas a regra Yorubá Lukumi afirmam que os dois são irmãos, sendo Aganjú muito mais velho. Aganjú vem a ser o Orishá dos vulcões, do fogo, o que até aí encontramos uma semelhança com Shangó, porém apesar dessa semelhança espiritual, encontramos outras que divergem um do outro. Aganjú apesar de ser um Orishá guerreiro e muito mais velho que Shangó, vive no fundo da Terra, recolhido, como os vulcões, saindo o mesmo em alguns momentos. Já Shangó é um guerreiro ativo por 24 horas, motivado pelas guerras, pelas alegrias e do desejo da vida e de viver intensamente. Aganjú é um Orishá do silêncio muitas vezes e Shangó é

da guerra, do barulho, da festa, de nunca dormir para não perder um dia de vida. Encontramos aí mais uma diferença entre eles. Aganjú come cabrito capado, Shango come carneiro. Em um dado momento conta um Pataki de Ifá que Shangó e Aganjú guerreiam entre si e a guerra termina quando Aganjú entende e vê que Shangó seria filho de Yamasé e que se tal guerra continuasse acabariam com o mundo e não acabariam com eles. Shangó é o Orishá das virilidades, das mulheres, do reinado, da vida por excelência. Aganjú estabelece em alguns momentos a paz e é voltado para o lar, para a casa. Shangó vem a ser Oni (soberano) pois recebeu de Olófin o dom de liderar o mundo. Já Aganjú ganhou a missão de equilibrar o mundo dentro de seu contexto, por isso Maferefun Shangó e Maferefun Aganyú! Já Aganjú no candomblé é visto como um menino, uma criança e uma qualidade de Shangó.